

# A DÁDIVA DA CONVIVÊNCIA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO<sup>1</sup>

## LE DON DE VIVRE AVEC CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

*Débora Mazza*<sup>(\*)</sup>

### Resumo

O ensaio objetiva realizar uma descrição memorialística das relações estabelecidas com Carlos Rodrigues Brandão (1940- 2023) por meio, inicialmente, da leitura, e depois do ensino, da pesquisa e do registro de “fenômenos sociais totais”. Contando com suporte documental de programas de disciplinas, diários de campo, registros de aulas, bibliografias recomendadas e imersão em campos de pesquisa na cultura popular, sob a orientação do professor, o texto descreve e analisa a relevante contribuição de Carlos descortinando diferentes facetas de seu trabalho. Sugere que a dádiva comparece em sua trajetória como texto lido, discutido e vivido, inventando e reinventando a prática de dar, receber e retribuir.

**Palavras-chave:** Antropologia, Educação, Carlos Rodrigues Brandão, Dádiva.

### Résumé

L'essai vise à fournir une description mémorielle des relations établies avec Carlos Rodrigues Brandão (1940-2023) à travers, d'abord, la lecture, puis l'enseignement, la recherche et l'enregistrement de « phénomènes sociaux totaux ». S'appuyant sur le soutien documentaire des programmes disciplinaires, des journaux de terrain, des dossiers de classe, des bibliographies recommandées et de l'immersion dans les domaines de recherche de la culture populaire, sous la direction du professeur, le texte décrit et analyse la contribution pertinente de Carlos, révélant différentes facettes de son travail. Elle suggère que le don apparaît dans sa trajectoire comme un texte lu, discuté et vécu, inventant et réinventant la pratique du donner, du recevoir et du réciproque.

**Mots clés :** Anthropologie, Éducation, Carlos Rodrigues Brandão, Don.

### A LEMBRANÇA

Vindo de longe como o vento, e de onde?  
Trouxe o meu corpo, mera alegoria  
E mais o espelho opaco que esconde  
Metade, a máscara de barro de meu rosto  
Metade o que sobrou do que me invento  
Com um tanto de malva e sal grosso  
E alguns retalhos de acaso e de folia.

Sem nada, sou um rico, e saltimbanco  
Armo lona de circo, faço festa  
E, peregrino, quero zero na algibeira.  
O que não tinha, agora tenho: tempo  
E por isso escrevo isto lento...lento.  
Tempo é o que peneiro na peneira,

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi publicada no Site *A Terra é Redonda* por ocasião do passamento do professor Carlos Rodrigues Brandão (MAZZA, 2023).

<sup>(\*)</sup> Professora Livre Docente do Departamento de Ciências Sociais na Educação, Faculdade de Educação (FE), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Área de atuação: Sociologia, Educação, Pensamento Social Brasileiro, Políticas Públicas. Pesquisadora do CNPq. Email: dmazza@unicamp.br.

E esse momento é tudo o que me resta.

O que eu fui, o que eu fiz é agora o invento  
De soletrar no caderno o esquecimento  
Até restar limpa a lousa da memória,  
Como no voo a ave esquece o ninho  
Como de um barco a terra some aos poucos  
Como quem fecha a casa e vai pelo caminho  
E esquece a chave enquanto vai embora.

Esquecido de mim mesmo eu hoje, agora,  
Já não sei mais saber o que eu sabia:  
Se aquilo tudo houve em algum tempo.  
E se tudo foi a minha trama, a história  
Em que alguém acaso creia um dia  
Ou se foi tudo sonho, mitos de memória  
Estórias, canto, conto, sombra, fantasia  
E é mais verdade assim, por isso mesmo  
(BRANDÃO, 2013, p. 12-13)

Se minha memória não me trai, conheci Carlos Rodrigues Brandão primeiro pelos seus escritos. Era 1981, cursava o primeiro ano na Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em uma turma de cerca de 60 aluno(a)s. Assistíamos aulas nos auditórios do Ciclo Básico, pois a Faculdade não dispunha de prédio próprio. O livro *O que é educação*, da coleção “Primeiros Passos”, lançado em 1981, me chegou às mãos nas aulas da professora Silvia Maria Manfredi, juntamente com o livro de Georges Snyders, *Para onde vão as pedagogias não diretivas*. Na maioria das disciplinas líamos sobre a escola, a sala de aula, as metodologias de ensino e aprendizagem, o trabalho do(a) professor(a), a estrutura e o funcionamento da escola, as políticas educacionais, os aparelhos ideológicos do Estado, as psicologias da cognição e do desenvolvimento. No entanto, ficamos fascinadas com a abordagem antropológica que o texto de Carlos nos trazia. Pensar que somos humanos não apenas porque somos racionais e vivemos em sociedade, mas principalmente porque somos seres aprendentes que constroem realidades materiais e imateriais e que era preciso, portanto, pensar a educação mergulhada no universo da cultura e superar a perspectiva da pedagogia que confina a educação no campo dominado das instituições modernas de ensinar-aprender. A visão antropológica nos fornecia explicações sobre as representações da alteridade e/ou as práticas do “outro” produzindo sentidos humanistas às nossas experiências no mundo, a partir das miudezas da vida cotidiana. Desta forma, o sentido da educação ultrapassava as fronteiras dicotômicas da escola formal e não formal, dos contextos institucionais e não institucionais, das relações entre

professore(a)s e estudantes, gestores escolares e agentes administrativos e nos dilatava para as múltiplas interações estabelecidas corriqueiramente, marcadas por reciprocidades, disputas, reconhecimentos, estranhamentos, pertencimentos .... Décadas depois, em 2020, Brandão reedita este “velho novo livro” e o registra como

a marca da experiência de minha vida como professor e antropólogo. Alguém que aprendeu com a antropologia a pensar o ser humano como criador de cultura. E aprendeu a pensar a educação como cultura [...] aprendeu a pensar a cultura como política. Política em seu mais original e verdadeiro sentido: a responsabilidade pessoal e coletiva pela gestão de nossa “polis”, seja ela um bairro, uma cidade, um estado, um país ou mesmo o mundo inteiro [...] Este é um livro entre a antropologia e a educação. (BRANDÃO, 2020, p. 13)

Como exemplo, Carlos descreve a carta em que Benjamin Franklin adotou o costume de divulgar sobre o tratado de paz que os estados de Virgínia e Maryland assinaram com os “Indígenas das Seis Nações”, nos Estados Unidos, destacando o valor heurístico da educação selando promessas e relações de boa vizinhança. As lideranças políticas dos dois estados sugerem que os líderes indígenas escolham alguns de seus jovens para estudar nas escolas dos brancos, ao que os chefes respondem com uma carta, agradecendo, recusando e justificando:

Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração.

Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa.

Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportar o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir a cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta, e embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores [...] que nos enviem alguns dos seus jovens; que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles homens (BRANDÃO, 2020, p. 26).

A perspectiva de inserir a educação no contexto da cultura nos provocou. Descobrimos que o autor era professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP e, assim, nos organizamos através do Centro Acadêmico de Pedagogia e da coordenação de curso, à época sob responsabilidade do professor Sérgio

Goldenberg, e convidamos o professor Carlos para nos oferecer uma disciplina que não existia no nosso currículo: a visão Antropológica da Educação.

## O ensino e a aprendizagem

No ano de 1983, ele veio ao Ciclo Básico nos apresentar Bronislaw Malinowski, Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz, Marcel Mauss, seus textos de pesquisa em cultura popular, dentre outros. Com ele compreendi que o trabalho de campo e a experiência etnográfica eram recursos potentes de aprender com a alteridade reconhecendo no outro sentidos e significados de humanidades vividas, sentidas, reflexionadas, compartilhadas e disputadas.

Um dos textos que Carlos apresentava e debatia com paixão era *Ensaio sobre a dádiva*, contido no livro *Sociologia e Antropologia* de Marcel Mauss (2003). Nele, o autor se propõe a investigar como a dádiva, ou seja, as trocas, os contratos, os presentes, os regalos e a ação voluntária ou obrigatória de aceitá-los e retribuí-los, era realizada nas sociedades arcaicas, particularmente Polinésia, Melanésia e Noroeste americano. Por meio de pesquisas documentais, seguiu o método de comparar essas manifestações em grupos, clãs, tribos e sociedades antigas, em diferentes tempos históricos.

O *Ensaio* sugere que os fatos que gravitavam em torno das práticas da dádiva eram complexos e constituíam a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas e, portanto, poderiam ser compreendidos como “fenômenos sociais totais”, pois

exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais-estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas- estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição -; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (MAUSS, 2003, p. 187)

Mauss perseguiu o caráter voluntário, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações que assumiam a forma de regalo, presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há ficção, formalismo e mentira social, pois existia, no fundo, obrigação e interesse econômico.

Ele se pergunta: “Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído?”

Que força existe na coisa dada que faz que o donatário [e o recebedor] a retribua?” (MAUSS, 2003, p. 188).

Assim, vai identificando um regime social, uma mentalidade definida, que envolve pessoas e coisas, trocas materiais e espirituais, serviços e ritos, com repartição de funções entre sexos, ciclos etários e gerações. Sugere que a extensão desse sistema de trocas em contextos de liberalidade, honra e aparecimento da moeda, fez com que a dádiva – dar, receber, retribuir- mobilizasse o comércio nas sociedades modernas mantendo finalidades morais, sentimentais, de amizade e envolvimento entre pessoas, famílias, clãs, grupos e sociedades. Conclui que na moral da dádiva, obrigação e liberdade se misturam e aceitar um presente é girar (in)conscientemente a roda do dar, receber e retribuir, podendo trazer bênção ou maldição, a depender do manejo da não interrupção do ciclo.

Hoje, olhando em retrospectiva, penso que Carlos tentava transmitir nas aulas e na existência a assertiva de Mauss:

Pode-se e deve-se voltar ao arcaico, ao elementar; serão redescobertos motivos de vida e de ação que numerosas sociedades e classes ainda conhecem: a alegria de doar em público; o prazer do dispêndio artístico generoso; o da hospitalidade e da festa privada e pública. [...] É preciso mesmo conhecer o que seria uma sociedade em que reinassem tais princípios (2003, p. 299).

Segui acompanhando o professor nas disciplinas de graduação, mestrado e doutorado ministradas nos cursos de Antropologia, Ciências Sociais, Educação e fui me aproximando de uma pessoa que sabia dar, receber e retribuir, vivia com livros, cadernos, canetas e à procura de manifestações culturais populares, sagradas e profanas, visando compreender “fenômenos sociais totais”, regimes sociais, complexos explicativos que conferiam sentido às práticas de grupos que compõem o povo brasileiro. Abria seus campos de pesquisa visando estimular o estudo dos clássicos, o debate dos casos e o registro “do comportamento humano total”, a “vida inteira social” e perceber

Como esse estudo concreto pode levar não apenas a uma ciência dos costumes, a uma ciência social parcial, mas inclusive a conclusões de moral, ou melhor- para retomar a velha expressão -, de civilidade e civismo, como se diz agora. De fato, estudos desse tipo permitem entrever, medir, ponderar as diversas motivações estéticas, morais, religiosas, econômicas, os diversos fatores materiais e demográficos cujo conjunto funda a sociedade e constitui a vida em comum, e cuja direção consciente é a arte suprema, a Política [...] (MAUSS, 2003, p. 314.)

Marilene Felinto diz:

Admiro muito quem não escreve [...] nós éramos cinco irmãos na minha casa, quatro mulheres e um homem, e nenhum deles precisou escrever para elaborar trauma nenhum [...] só eu me pus nesta ambivalência de uma escritora no limiar, dentro e fora da literatura, dentro e fora do jornalismo, dos círculos sociais [...] uma outsider incorrigível (*Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 08 out. 2022).

Talvez, esteja como Marilene, sentindo necessidade de escrever sobre o Carlos para elaborar o trauma de sua morte. De todo modo, escrever era um hábito que atravessava a vida de Carlos. Ele escrevia cartas, bilhetes, diários, artigos, livros- a mão, em máquina de escrever e, depois, no computador- e talvez um de seus últimos trabalhos acadêmicos tenha sido o prefácio (BRANDÃO, 2022) ao meu livro, *Paulo Freire, a cultura e a educação* (MAZZA, 2022). Não conseguiu comparecer ao lançamento, pois lutava contra a leucemia e estava muito debilitado. Seu prefácio foi republicado no site *A Terra é Redonda* (BRANDÃO, 2023).

Talvez queira exorcizar minha dor registrando experiências que vivi em alguns campos de pesquisa que Carlos desbravou nesse delírio de ir ao encontro do povo e das suas matrizes culturais e, de modo generoso e pedagógico, estendia suas excursões aos estudantes, pesquisadore(a)s e amigo(a)s.

## A PESQUISA DE CAMPO E A CONVIVÊNCIA

Era dezembro de 1985, fomos a São Sebastião do Paraíso acompanhar a festa de São Benedito, o padroeiro do(a)s afrodescendentes, cozinheiro(a)s e donas de casa. Era um domingo e as ruas ao redor da igreja matriz estavam tomadas por devotos, turistas e foliões, que vieram para acompanhar o levantamento das Bandeiras dos Santos Padroeiros, os ternos de Congada e Moçambique formados por cantadores, dançadores e tocadores, vestidos como reis, palhaços, bastiões que distribuíam bênçãos à terra, ao fruto do trabalho, aos vivos e aos ancestrais. As apresentações contavam com cantos, violas, violões, cavaquinhos, pandeiros, bumbos, sanfonas, caixas e a bandeira de Santo(a)s protetores do povo. Era uma mistura de cores, cheiros, fitas, estandartes, danças, indumentárias, ritmos e versos. Carlos, assim como sua equipe, a seu conselho, munidos de um sapiquí com máquina fotográfica, gravador, lápis, caneta e caderno, nos misturamos aos populares nas calçadas e ruas acompanhando o festejo e conversando

com os participantes. A ideia era compreender o lugar ocupado por aquela manifestação naquele sistema cultural. Havia um palanque perto da Praça Comendador José Honório com as autoridades laicas do estado e sacras da igreja, os podres poderes como diria Caetano Veloso, e perto do fim da folia, um repentista parou na frente do palanque e começou a fazer versos com os nomes das autoridades ali representadas, tendo saído algo como:

Qual é Curió, vai canta o que pra nós?  
Qual é Curió, vai canta o que pra nós?  
Você diz que é deputado, mas eu sei que ocê é major  
Você diz que é deputado, mas eu sei que ocê é major

A companhia foi ovacionada pelos presentes, pois muitos sabiam que era uma referência direta ao deputado Sebastião Curió, nascido na cidade, presente no palanque, que participou do aparato repressivo da ditadura militar, responsável por torturas, assassinatos e ocultação de cadáveres. Foi um desconforto geral no palanque e Carlos vibrou de alegria e nos disse: “festa do povo é assim, por trás do aparente conformismo irrompe vulcões de resistências”. Quem diria que no meio de uma Congada teríamos uma aula de política?

Outra oportunidade de acompanhar as inserções de Carlos em campos de pesquisa foi em Catuçaba, um distrito de pequenos agricultores, próximo de São Luís do Paraitinga, São Paulo. Era novembro de 1986 e fomos participar das celebrações de finados. Chegamos dias antes do festejo para acompanhar todas as atividades que envolviam a comunidade na preparação da “festa dos mortos”, como ele denominava. Éramos 6 ou 7 estudantes de pós-graduação acolhidos por algumas famílias – lembro-me de Andréia, Adriano, Cristina, Oscar e Renata. Eu fiquei na casa da Dona Cida e do Sr. José. Nosso ponto de encontro era o salão da paróquia, onde nos reuníamos para discutir textos, registros, depoimentos colhidos e compreensões alcançadas. Acompanhamos a caiação das sepulturas, a colheita de flores do campo, a decoração das ruas, o cortejo levando o altar da padroeira, a missa, as rezas, as cantigas, as velas etc. A ideia era levantar a função que aquela manifestação ocupava, religando mundos materiais e imateriais, humanos e não humanos, símbolos, signos e significados, vivos e mortos, passado e presente. Muito aprendizado de pesquisa decorreu desses dias de festa popular.

Ainda outro campo, era fevereiro de 1987 e fomos acompanhar o festival de Marchinhas de São Luís do Paraitinga, cidade natal do músico e maestro Elpídio dos

Santos (1909- 1970), compositor de trilhas sonoras de novelas que fizeram sucesso como *Cabocla*, *Rei do Gado* (Globo), *Pantanal* (TV Manchete/SBT), *Meu pé de laranja lima* (BAND), e marchinhas como *Lá no pé da serra*:

Fiz uma casinha branca lá no pé da serra pra nós dois morar  
Fica perto da barranca do rio Paraná  
O lugar é uma beleza eu tenho certeza você vai gostar  
Fiz uma capela bem do lado da janela prá nós dois rezar  
Quando for dia de festa você veste o seu vestido de algodão  
Quebro o meu chapéu na testa para arrematar as prendas no leilão  
Satisfeito vou levar você de braço dado atrás da procissão  
Vou com meu terno riscado uma flôr do lado e meu chapéu na mão

O Sr. Elpídio já havia falecido quando passamos por lá, mas a banda *Os Parangas*, composta por membros da família, continuava alegrando as festas do vilarejo. Dona Cinira, a viúva, morava em um casarão no centro da cidade e tinha sempre as portas abertas para receber o professor da UNICAMP e o(a)s estudantes que o acompanhavam. Era sempre uma relação simples, direta e alegre. Os dias de pesquisa terminavam com banho de cachoeira, mergulho no rio, trago de cachaça, todos abençoados por algum Santo ou Santa, Entidade ou Preto velho da tradição popular.

Acho que em meados do mesmo ano, passamos uma semana na área rural de Itajubá, MG, hospedados na chácara de Eneida, que ficava no início das terras altas que compõem a formação geológica da serra da Mantiqueira. Carlos brincava dizendo que não era a Eneida de Virgílio, mas a Eneida do Rubens. Caminhamos por aqueles maciços rochosos imaginando que talvez seguissemos a rota de Euclides da Cunha (1866- 1909) *n'Os sertões*, de Mário de Andrade (1893- 1945) nos *Aspectos do Folclore Brasileiro* ou de Guimarães Rosa (1908- 1967) no *Grande sertão: Veredas*. De fato, havia a companhia de Eneida, Rubens, dos pastéis de milho e carne e as músicas de Ivan Vilela e Priscila Stephan que, à época, tinham acabado de gravar o LP *Hortelã* e cantavam lindamente: “o mar de Minas não é no mar. O mar de Minas é no céu. Para o mundo olhar para cima e navegar. Sem nunca ter um porto aonde chegar”. No trajeto pela Rodovia Dom Pedro I havia sempre uma parada em algum boteco na região de Nazaré Paulista, à altura do Rio Atibainha, ou em Igaratá, no Rio Jaguari, onde Carlos comia algum salgado, bebia algum suco e pulava no rio ou na represa. Ele era um homem das águas, talvez filho de Oxum ou Iemanjá.

Depois vieram as pesquisas sobre comunidades rurais e agricultura familiar no entorno de Pocinhos do Rio Verde. Lá, Carlos alugou do Marcão, o dono do Hotel Ipê,



a casinha número 6, que virou um ponto de encontro de orientado(a)s, amigos e aluno(a)s. Em janeiro de 1988 ele fez uma longa viagem de férias com Maria Alice, André e Luciana e soube que eu estava procurando um lugar tranquilo para me recolher e redigir a versão final de minha dissertação de mestrado. Carlos generosamente me confiou a chave da casinha e disse: - Os moradores da frente se chamam Sr. Elias e Dona Rosa, são fiéis da Assembleia de Deus, qualquer problema pode acioná-los. Assim se deu, fiquei uns quarenta dias sozinha e concluí o texto final da pesquisa.

No início de 1990 acompanhamos a festa da comunidade de famílias italianas oriundas do Vêneto, que se fixaram em Quiririm, distrito de Taubaté, que contava à época com uma associação própria, a *Società Beneficente Unione de Quiririm*. Através dos contatos de Carlos ficamos na casa de Meire e Rogério e experienciamos outros marcadores de manifestações culturais de trabalhadores rurais migrantes e visitamos a famosa Feira da Barganha ou da Breganha, que acontecia aos domingos, no centro de Taubaté, perto do mercado municipal e onde se trocava tudo. Carlos se adaptava facilmente aos hábitos e costumes simples das comunidades que ele pesquisava e seu gosto se derramava para a pinga artesanal, o vinho de produção caseira, o arroz com feijão, o frango com quiabo, o angu com queijo, o arroz com pequi ...comidas típicas da roça e das hortas. Nas rodoviárias comia coxinha, ovo empanado e não passava mal, dizia que tinha estômago de avestruz.

Depois veio a Rosa dos Ventos, a casa construída em Pocinhos do Rio Verde, Minas Gerais, entre árvores, montanhas e muitos olhos d'água que brotavam da terra que ele adquiriu para servir como ponto de encontro, estudos, pesquisas e hospedagem. Recebeu muita gente grande e pequena, conhecida e desconhecida, como Aldenor, Ana Clara, Analisa, Ana Maria, Carolina, Ivan, João Bá, Joel Marinho, Lidinha, Guilherme, Maria José, Mariana, Marília, Raquel, Roderico, Rubem Alves, Tita, para citar apenas algumas pessoas próximas. Tinha também o povo do Santo Daime que circulava pela região e pela casa. Lembro-me de Carlos orientando a pesquisa de Jadir enquanto carregavam pedras para fazer a capela da Rosa. Ele tinha uma loucura pela preservação da vegetação e das minas d'água doce que pululavam no terreno.

Várias vezes fui a Poços de Caldas, MG com as crianças e passávamos pela casa de Carlos, Tita, Joel e Mazé. Sempre havia prosa boa, café com broa, pão de queijo e pinga artesanal. A alma sensível de Carlos construía casas abertas e acolhedoras nas quais cabiam crianças, jovens, adultos e idosos, cachorros, gatos e pássaros, de

preferência alternativos, contra hegemônicos e promotores de contracultura. Ele girava a roda do dar, receber e retribuir.

Em novembro de 2010, Brandão enviou uma carta-e mail “às pessoas amigas de perto e de longe” compartilhando as alegrias vividas nos 15 anos de existência da Rosa dos Ventos e destacando os grupos, os encontros e os cursos de Economia Solidária, as trilhas e as caminhadas nas montanhas e cachoeiras, os mutirões de artes e ofícios no Jardim das Ervas e no Canto das Águas, os saraus de Mãos da Terra e Folia de Reis, as vivências de silêncio e meditação e, finalmente, o projeto de construção do Cine *Paradiso*.

Convidava a todo(a)s para visitarem o endereço [www.sitiosadosventos.com.br](http://www.sitiosadosventos.com.br) e lembrava: “nem sempre o site funciona”.

Esses eram os desejos expressos de Carlos: a dádiva. Com o passar do tempo, as crianças cresceram, Carlos se aposentou da Unicamp, atuou em outros estados e outras universidades, nós envelhecemos e os encontros foram rareando.

## A DESPEDIDA

Há cerca de 4 anos Carlos lutava bravamente contra uma leucemia e acabou se fixando em Campinas visando facilitar o tratamento e as idas constantes a médicos, hospitais e clínicas. Maria Alice, André, Luciana, José e Denise foram guerreiros incansáveis na disponibilidade e disposição para cuidar dele, mas no meio deste caminho ele contraiu o vírus da Covid e não resistiu.

Assim, nos despedimos deste personagem inquieto, inventivo, agregador; professor, pesquisador, escritor e poeta chamado Carlos Rodrigues Brandão, que atravessou a vida de milhares de pessoas no Brasil, na América Latina e na Europa. Muita gente querida passou pelo salão da ADUNICAMP e pelo Crematório “Bom Pastor” no cemitério Campos dos Amarais para despedir-se dele. Os rituais de seu falecimento foram regados à Folia da Companhia Reis Ases do Brasil, acompanhada pelo violão de Fernando Guimarães e André Luiz, pela cantoria do Mestre Sebastião Victor Rosa, o Tião Mineiro, pela viola caipira de João Arruda e pela caixa de Alik Wunder. A bandeira do divino foi carregada por Maria Alice, pelo filho André, pela filha Luciana e pelo neto Pablo. No velório foi servido pão de queijo, água, café, suco de laranja e uma cachaça guardada por Carlos há 50 anos para ser bebida em um momento especial. Disse Maria Alice: - Esse dia chegou!

Meses antes de seu encantamento, Carlos escreveu uma carta-email para sua comunidade de destino, comunidade de aprendentes ou comunidade de desejo - termos que ele gostava de explorar (BRANDÃO, 2007). Em memória, replico abaixo alguns trechos

Gente amiga de perto e de longe,  
 Depois de responder com breves mensagens [...] resolvi escrever uma carta coletiva (velho costume meu) com mais detalhes.  
 Voltei de mais uma jornada no hospital, inclusive com dias na UTI. Estou em casa [...] entre exames, consultas e fisioterapia.  
 A leucemia está sob controle, e os últimos hemogramas têm sido muito bons. Mas sigo com um feroz tratamento de quimioterapia de imunoterapia. Claro, aos 83 anos estou com o coração enfraquecido (só o físico) e também o pulmão.  
 Perdi 22 quilos, o gosto pela comida (mas não pela vida), e estou muito enfraquecido. Em casa estou entre a cadeira de rodas e o andador. [...] Uma caminhada de 20 metros em casa me cansa [...] Eu, que escalei o Dedo de Deus, participei da equipe da conquista do Paredão Baden-Powen, no Irmão Maior do Leblon, e fiz o Caminho de Santiago. [...]. Estou velho, magro e feio. Mas vivo ainda! [...]. De repente me vejo sendo cuidado. Dependo de outras pessoas para quase tudo. [...] E a minha gratidão a pessoas que vão da Dra. Gislaine até Maria Alice, André e Luciana, é sem limites.  
 Depois do agito de 2021, com as inacabáveis lives ao redor do Centenário de Paulo Freire, eis que doente, vivo dias tranquilos. E os aproveito para fazer o que sempre foi minha maior alegria: ler e escrever. Leio e releio livros de autores que sempre me tocaram, entre a poesia, a espiritualidade e a antropologia. Estou lendo toda a obra de Pierre Teilhard de Chardin, que me acompanha desde 1962. Ouço música, desde a clássica [...] até modas de viola.  
 E escrevo desmesuradamente [...] abri o leque dos meus desejos e imaginários, e entre a poesia e a antropologia, me vejo [...] como quem “alça vôos do espírito”. [...]  
 Alguns escritos de 2020 para cá foram incorporados a livros coletivos. Outros são “livros solo” que com alegria anuncio a vocês. [...] meu livro de memórias entre estudante e professor: *Eu professor- pequeno inventário de memórias* [...] meu pequenino livro de poemas para jovens: *Ontem, Agora, Nunca!* [...] *Artesãos do Absurdo- dilemas do humano em escaladas de alta montanha no Himalaia* [...] outro livro de poesia para jovens: *Céu de Passarinhos* [...] *O Primata que aprende – como a educação começou a acontecer no mundo*, e [...] *Por uma Pedagogia Peregrina*. E enquanto eu viver e a “mão e a cuca” funcionarem, seguirei a minha sina de leito e escrevinhador inveterado.  
 Este é o momento de juntar as mãos, curvar um pouco o corpo e dizer a todos e todas:  
 GRATIDÃO.  
 Um abraço amigo  
 Carlos Brandão.

Penso que para Carlos, assim como para Itamar Vieira Junior, a escrita era uma tentativa de

adentrar na alma do mundo [...] abrir portas e janelas para outras dimensões além das que vivemos. As palavras encurtavam distâncias, nomeavam coisas, lugares e sentimentos, além de servirem de fôlego de vida para as personagens que passariam a fazer parte do nosso mundo [...] é um espaço mágico onde a trama se revela por inteiro” (VIEIRA JUNIOR, 2024, Opinião)

Bruno Lucca (2023) fez o obituário na *Folha de S. Paulo* lembrando que dias antes de morrer, Carlos escreveu outra carta aos amigos dizendo “O melhor de mim são os outros”. Assim, em 11 de julho de 2023, descansou o professor, pesquisador, escritor e poeta, nascido em 14 de abril de 1940 em Copacabana, no Rio de Janeiro, e psicólogo de graduação. De 1976 a 1997 foi professor do Departamento de Antropologia da UNICAMP. Ministrou disciplinas na graduação e na pós em áreas como religião, cultura e educação popular e teoria antropológica. Compartilhou com calorosos abraços, gosto pelo sertão, longas caminhadas, banhos de cachoeira, piadas sagazes e delicadezas da vida. Dizia que sua inspiração de ensinar-e-aprender vinha de Paulo Freire, a quem conheceu e conviveu na década de 1980, mas já lia seus manuscritos mimeografados desde a década de 1960, quando participando dos Movimentos de Educação de Base (MEB) no Brasil e na América Latina, conheceu e casou-se com Maria Alice, coordenadora do MEB de Goiás e praticante do “método de alfabetização de adultos”. Repetiu várias vezes a frase famosa atribuída a Paulo mas que segundo entrevista de Maria Alice concedida a jornalista Ana Luísa D’Maschio (2023), era do próprio Carlos: “A educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo” (BRANDÃO, 2021, p. 83).

Mesmo depois de aposentado, continuou a atuar como professor colaborador nos programas de pós-graduação do IFCH- UNICAMP e como professor visitante em várias instituições no Brasil e no mundo. Recebeu vários prêmios, foi autor e colaborador de cerca de uma centena de livros, formou muitos educadores, pesquisadores e professores, viveu 83 anos e deixou um filho, uma filha e três netos

Dentro de mim guardo o Carlos que sempre soube temperar sagrado e profano, palavra e silêncio, agito e calma, teoria e prática, academia e poesia, girando a roda da dádiva segundo o princípio heurístico do dar, receber e retribuir.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. Da turma de alunos à comunidade de aprendentes. In VON SIMSON, Olga de M. et. al. **Visões singulares e conversas plurais: textos. Rumos da Educação, Cultura e Arte**. São Paulo: Itáú Cultural, 2007, p. 91-107.

BRANDÃO, Carlos R. **Caixa de correio- poesia reunida 1966-2013**. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2013.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020.

BRANDÃO, Carlos R. **Paulo Freire: tantos anos depois**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021.

BRANDÃO, Carlos R. Prefácio. In MAZZA, Débora. **Paulo Freire, a cultura e a educação**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2022, p. 23- 27.

BRANDÃO, Carlos R. Prefácio do livro recém lançado de Débora Mazza. In *Site Terra é Redonda*, 04/05/2023. Disponível: <https://aterraeredonda.com.br/tag/carlos-rodrigues-brandao/>. Acessado: 29/03/2024.

D'MASCHIO, Ana Luísa. **Carlos Rodrigues Brandão e o sonho da educação popular**. In Porvir. *Inovações em Educação*, 11/07/2023. Disponível: <https://porvir.org/carlos-rodrigues-brandao-e-o-sonho-da-educacao-popular/>. Acessado 03/07/2024.

FELINTO, Marilene. Admiro muito quem não escreve, diz Marilene Felinto ao lançar contos inéditos. In *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 08 out. 2022.

LUCCA, Bruno. Como Paulo Freire, acreditava no poder da educação. In *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 18/08/2023, p. B2.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva- forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183- 314.

MAZZA, Débora. **Paulo Freire, a cultura e a educação**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2022.

MAZZA, Débora. **Carlos Rodrigues Brandão (1940- 2023)**. In *Site Terra é Redonda*, 17/07/2023. Disponível: <https://aterraeredonda.com.br/carlos-rodrigues-brandao-1940-2023/>. Acessado: 29/03/2024.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Por que a literatura é minha profissão de fé. In *Folha de S. Paulo*, Opinião, 30/03/2024.

(Recebido em junho de 2024; aceito em junho de 2024)